

## CONTRIBUIÇÕES PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Jocélia Araújo Costa<sup>1</sup>  
Deyve José da Silva Vidal<sup>2</sup>  
Maria Sorahya dos Santos<sup>3</sup>  
Yuri Medeiros Henrique de Sousa<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente estudo busca analisar os processos de inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino fundamental no âmbito da Educação Física Escolar, no período de agosto de 2023 a fevereiro de 2024 em três escolas da rede municipal de ensino de Fortaleza. A metodologia aplicada seguiu uma abordagem qualitativa e exploratória, inserindo na pesquisa a participação da gestão escolar, dos professores de educação física, professoras pedagogas das salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e pais de alunos autistas matriculados nas instituições de ensino supracitadas. Utilizando-se de entrevistas com questionários e observações das práticas de ensino e aprendizagem dos profissionais no contexto escolar, coletamos os dados necessários para o presente trabalho. O objetivo geral deste estudo é conhecer os desafios e possibilidades da inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas aulas de Educação Física, como melhor adequar metodologias e atividades para a participação efetiva e significativa de estudantes autistas, dentro de um contexto educacional. Foram investigados os anseios, desafios, perspectivas e as contribuições da educação física, tanto na sua prática pedagógica como na melhora das habilidades psicomotoras, socioafetivas e na qualidade de vida do aluno com TEA. O estudo evidencia a relevância da práxis pedagógica docente na inclusão dos alunos com TEA, como geradora de consciência na comunidade escolar, aglutinando pais e escola nessa causa. Ainda ressaltamos que, é nítida a necessidade de investimentos e melhorias das condições de trabalho para melhor atendimento dos discentes.

**Palavras-chave:** Inclusão, Educação Física, Transtorno do Espectro Autista.

### INTRODUÇÃO

A Educação é o meio mais eficaz de transformação e mudança de indivíduos que dela se beneficiam, sendo a fonte inesgotável de novas possibilidades de criar, recriar e inovar-se numa perspectiva de melhores condições de adaptação e/ou da busca

---

<sup>1</sup> Mestranda em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará – UFC, joceliaaraujol25@gmail.com;

<sup>2</sup> Mestrando em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará – UFC, deyve.vidal@educacao.fortaleza.ce.gov.br;

<sup>3</sup> Mestranda em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará – UFC, sorahya\_santos@gmail.com;

<sup>4</sup> Graduado no Curso de Licenciatura em Matemática, pela Universidade Federal do Ceará - UFC, yuridx7@hotmail.com.

constante como sujeitos históricos explorando novas possibilidades, buscando desenvolver potenciais, alternativas que visem modificar a condição ou o meio em que os sujeitos estão inseridos em sociedade.

No cenário atual, a educação brasileira vive um processo denominado de: “Inclusão Educacional” (IE), que motivado por movimentos de grupos sociais historicamente marginalizados, objetiva trazer os integrantes desses grupos minoritários para a práxis educacional dos demais grupos, visando aglutinar e dirimir as diferenças entre ambos, e para tanto, enfatizamos a importância da ação concreta da inclusão e do aprimoramento do seu conceito essencial não só de inserir, mas colocar algo ou alguém dentro de um espaço de acolhimento de forma humanizada com equidade, respeitando a diversidade, com a igualdade de direitos para todos.

O objetivo geral deste estudo é conhecer os desafios e possibilidades da inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas aulas de Educação Física, como melhor adequar metodologias e atividades para a participação efetiva e significativa de estudantes autistas, dentro de um contexto educacional. A pesquisa foi realizada com gestores, pais e docentes das turmas do 6º ao 9º anos do ensino fundamental, e professores do AEE – Atendimento Educacional Especializado, de 3 escolas municipais do Distrito de Educação V, da rede municipal de ensino de Fortaleza, no período de agosto de 2023 a fevereiro de 2024, e visa apresentar as considerações acerca das atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física, que demonstram o desenvolvimento e a integração do educando com TEA nas atividades escolares.

A investigação apoia-se na premissa de que a Educação Física escolar possui um papel crucial na formação integral dos alunos, contribuindo não só para o desenvolvimento de habilidades motoras, como também cognitivas e socioemocionais, bem como para sua socialização, gerando autonomia, criticidade e criação de valores, objetivando a construção social do indivíduo (Maranhão; Souza, 2012), pois diferente da opinião maçante da sociedade acerca do que está proposto no currículo da disciplina de Educação Física, esta não se limita ao ensino de esportes e práticas esportivas, mas analisa e debate temas de cunho social e como estes afetam o meio em que os alunos estão inseridos.

Compreendemos que a inclusão de alunos com deficiência no processo educacional é desafiadora, mas também um importante instrumento de socialização

desses alunos em um ambiente de ensino. Esta proposta legitima a garantia de direitos e o acesso ao ambiente escolar a todas as pessoas, tendo elas deficiência ou não.

A inclusão de fato, ocorrerá quando a escola adaptar não só espaços físicos, mas adequar as metodologias de ensino para contemplar as particularidades daqueles alunos atípicos, pois a proposta não é apenas inserir esse aluno dentro de um espaço físico, denominado de ambiente escolar, mas contribuir para o desenvolvimento de potenciais, habilidades e novos saberes, mesmo entre grupos que apresentam comprometimentos cognitivos ou limitações físicas, promovendo um ambiente de aprendizagem mais diversificado e enriquecedor, estimulando a empatia, o respeito e a colaboração entre todos os alunos, fortalecendo a coesão social e a equidade dentro do contexto educacional.

Para tanto, dialogamos com Mendes (2006) sobre a questão da educação inclusiva, quando o autor afirma que, este é um tema relevante e amplamente discutido em diversas vertentes, inclusive filosóficas, por ser uma questão de valor humano e moral que desafia a sociedade a refletir sobre suas práticas e atitudes excludentes e discriminatórias em relação às pessoas com deficiência. O autor afirma ainda, que a adoção de diretrizes baseadas na educação inclusiva pode ser a única estratégia política com potencial para garantir o avanço necessário da Educação Especial no Brasil.

Sendo assim, diante desse contexto desafiador e repleto de nuances envolvendo a inclusão de alunos com TEA nas aulas de Educação Física especificamente, percebemos que não há uma receita pronta de resultados 100% exitosos, e que as políticas públicas voltadas para essa vertente, ainda estão em fase de avaliação, do que pode ser feito, como fazer e dos resultados obtidos para avaliação do que está dando certo e o que precisa melhorar, construindo um fazer pedagógico que busca um atendimento ideal para esse grupo em questão, e que venha a cumprir, de fato, essa tarefa.

O estudo proposto concretizou-se por meio da aplicação de entrevistas e questionários direcionados aos docentes da disciplina de Educação Física, e aos professores do AEE, que discorreram sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas com os alunos com TEA nas aulas de Educação Física, cabendo aos professores do AEE, sugerir atividades que valorizem e estimulem a participação dos alunos atípicos para melhor engajamento com as atividades propostas e uma melhor cooperação nas atividades em grupo.

Diante da discussão dos resultados obtidos, percebemos os anseios e os desafios enfrentados pelos profissionais envolvidos, e como sua prática afeta diretamente na aceitação ou não do conteúdo apresentado pelos alunos observados. Descreveremos os aspectos considerados relevantes para o bom funcionamento das atividades práticas e teóricas sob o olhar da equipe que ministra os temas abordados, como é possível realizar adaptações físicas e curriculares para respeitar a individualidade do alunado que ali se apresenta, e tornar o aprendizado prazeroso e significativo.

## **METODOLOGIA**

A metodologia aplicada no presente estudo seguiu uma abordagem qualitativa e exploratória, focada na investigação das práticas realizadas pelos professores de Educação Física, em suas aulas teóricas e práticas, e como a metodologia aplicada atinge de forma significativa os alunos com TEA no âmbito da Educação Física Escolar.

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas e questionários semiestruturados, bem como a observações das práticas de ensino dos profissionais no contexto escolar. No período de agosto de 2023 a fevereiro de 2024, foram distribuídos entre os docentes da disciplina de Educação Física, e as professoras do AEE das escolas investigadas, um questionário com perguntas objetivas e subjetivas sobre a metodologia de ensino utilizada na realização das aulas de Educação Física e como as atividades seriam adaptadas para atender aos alunos autistas das turmas acompanhadas.

Sobre a aplicação de entrevistas Minayo e Costa (2018) destacam que os entrevistados têm a capacidade de fornecer informações que podem ser confirmadas em documentos, resultando em fatos. Também é possível recolher informações subjetivas, percepções, que representam a realidade através de conceitos, convicções, pontos de vista, emoções, comportamentos e ações dos entrevistados. Para um estudo que segue uma abordagem qualitativa, as duas dimensões de informações são essenciais.

Em um segundo momento, as entrevistas foram direcionadas aos envolvidos, para entender os anseios, desafios, perspectivas em relação ao desenvolvimento das atividades e como as estratégias utilizadas contribuem para a inclusão dos alunos atípicos nas aulas de Educação Física. Ouvimos as observações e considerações do núcleo gestor e das famílias, sobre o reflexo das ações realizadas em sala de aula, para o amplo desenvolvimento do aluno, considerando todas as áreas de conhecimento exploradas.

Em cada uma das escolas geradoras da pesquisa, foram observadas aulas práticas com atividades individuais e coletivas, que estimulavam a concentração, empatia, cooperação e desempenho cognitivo e emocional, buscando perceber a interação dos alunos autistas com os demais colegas e professores, e o comportamento da turma em geral em relação a proposta das atividades direcionadas e os resultados pretendidos com aquela tarefa específica.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### O Transtorno do Espectro Autista (TEA)

De acordo com American Psychiatric Association - APA (2014), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como um transtorno do neurodesenvolvimento, marcado por comprometimentos nas habilidades de comunicação social e pela presença de padrões de comportamento estereotipados, repetitivos e restritos. Isso implica uma caracterização do TEA como um continuum ou espectro com ampla variação na forma como se apresenta clinicamente. Atualmente se classifica com níveis de suporte, podendo assim a criança apresentar níveis de suportes diferentes para áreas distintas de seu comportamento. Vejamos a seguir o Quadro 1 com os comentários de Biasão (2019):

Quadro 1 – Níveis de Gravidade do TEA

Gravidade	Comunicação Social	Comportamentos Restritos e Estereotipados
Nível 1: Exige suporte	A deficiência na comunicação social resulta em danos consideráveis. Pode haver um desinteresse nas relações interpessoais, problemas para começar um contato, respostas atípicas ou ausência de resposta à abertura social de outras pessoas.	A inflexibilidade impacta um ou mais contextos. Dificuldades com organização, planejamento e mudança de tarefas.

Nível 2: Exige suporte substancial	Problemas sérios na comunicação que resultam em limitações, mesmo com suporte. Resposta diminuída ou atípica ao toque do outro.	Inflexibilidade, dificuldade em gerir mudanças, atitudes limitadas que impactam em vários contextos e são perceptíveis para o observador desatento. Experiência para alterar a direção das ações.
Nível 3: Exige suporte muito substancial	Problemas sérios na comunicação verbal e não verbal, com dificuldade para estabelecer contato interpessoal e resposta insuficiente ao contato de outros.	Inflexibilidade extrema, dificuldade em lidar com alterações, atitudes restritas e repetitivas que impactam de maneira significativa em todos os aspectos. Sofrimento intenso para alterar o foco das ações.

Fonte: Biasão (2019)

Frente aos obstáculos que pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrentam, a escola tem um papel fundamental na criação de um ambiente inclusivo e de apoio. É crucial que a escola aplique estratégias de adaptação curricular para ajudar estudantes com TEA, considerando as necessidades específicas de cada grau de gravidade (Constantino et al., 2017).

A utilização de ferramentas visuais, rotinas organizadas e atividades sensoriais pode simplificar o processo de aprendizagem e aprimorar a interação social. A formação dos docentes é igualmente crucial, assegurando que estejam aptos a enfrentar comportamentos desafiadores e fomentar a inclusão através de métodos de ensino inovadores (Constantino et al., 2017; Elsabbagh; Johnson, 2016).

Ademais, a instituição de ensino pode dispor de especialistas, como psicopedagogos e terapeutas ocupacionais, para elaborar planos de suporte personalizados e promover um ambiente que considere as especificidades dos estudantes com TEA, estimulando o aprimoramento de suas competências e o envolvimento ativo na comunidade escolar (Elsabbagh; Johnson, 2016).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Analisando os documentos recebidos, designaremos os docentes da disciplina de Educação Física, como: professor X, professor Y, e professor Z, e apresentaremos um pouco do relato de suas contribuições sobre o que foi solicitado, e o confronto de suas ideias com o argumento de alguns autores.

O professor X relatou que estudantes com desenvolvimento típico participam mais de atividades físicas diárias e aulas de Educação Física (EF) do que estudantes com TEA, e que o interesse e a participação nas práticas, vão diminuindo com o aumento da idade. Enfatizou a importância de proporcionar atividades e exercícios que valorizem esses alunos, evitando excluí-los de qualquer atividade. Afirmar ainda que para melhorar a participação de alunos autistas, é necessário estabelecer rotinas claras, com horários e durações definidas, e priorizar atividades cooperativas, pois prever as atividades ajuda a reduzir a ansiedade, gerando segurança de ações futuras, corroborando com as considerações de Hollerbusch, 2001; Nabeiro; Silva, 2019, que afirmam, que estratégias úteis incluem: uso de reforço positivo, simplificação de instruções, e análise de comportamentos para ajustar intervenções.

Já o professor Y, constatou que é mais difícil incluir estudantes com TEA em jogos cooperativos do que em atividades individuais. As atividades em grupo, com regras tornam-se mais complexas, pois alunos autistas apresentam dificuldades na interação social. Segundo Benini e Castanha, 2016, essas dificuldades são exacerbadas quando os colegas de grupo não compreendem os comportamentos particulares desses alunos, resultando em seu isolamento. Em contrapartida, atividades individuais permitem que os alunos trabalhem no seu próprio ritmo e o professor consiga intervir diretamente sem causar interrupções, no entanto, é crucial que as intervenções quando realizadas em grupos sejam cuidadosas para evitar constrangimentos. Silva; Prefeito; Tolo, (2019) destacaram a importância de continuar tentando a inclusão, pois a interação com colegas pode resultar em mudanças comportamentais positivas para estudantes com TEA.

O professor Z destacou a importância de conhecer os alunos e, em atividades coletivas, colocá-los em grupos organizados por afinidade, assim o aluno com TEA sentirá confiança para realizar as propostas sugeridas durante as aulas, evitando assim constrangimento ou exclusão, e gerando confiabilidade para a realização das vivências apresentadas. Ele enfatiza ainda que a atividade sugerida deve ser detalhada, com rotina

e previsibilidade, introduzindo novos conteúdos gradualmente e utilizando instruções visuais para apresentar novos materiais e programas. Ressalta a importância do planejamento antecipado das atividades e a adaptação para favorecer a participação do aluno autista, bem a formação continuada de professores, para melhor adequação do que se pretende alcançar.

A pesquisa elencou as dificuldades enfrentadas por professores de Educação Física ao trabalhar com estudantes atípicos, como: estímulos sensoriais excessivos e à dificuldade de explicar adequadamente as atividades. Lamb, Firbank e Aldous (2016) observaram que alunos com TEA apresentam dificuldades em filtrar informações e seguir orientações, sendo afetados por luzes, barulhos e sons de equipamentos, resultando em mudanças de comportamento desses alunos. Fiorini e Manzini (2016) relataram problemas semelhantes, destacando que distrações como sons de pássaros, altas temperaturas e ruídos externos, que são insignificantes para alunos típicos, são extremamente ofensivos para alunos com TEA.

Os pais dos alunos autistas, destacaram a importância do apoio escolar e das práticas pedagógicas adaptadas para atender às necessidades específicas de seus filhos, e as professoras pedagogas das salas de AEE ressaltaram a magnitude de um trabalho colaborativo entre os diferentes profissionais da escola para garantir a inclusão efetiva dos alunos com TEA, todos conscientes da valorização da ação conjunta da família e escola na construção de um processo exitoso para as partes envolvidas. Para que a inclusão seja efetiva, é necessário um esforço conjunto dos profissionais envolvidos, assim como políticas públicas que garantam os recursos e suporte necessários para a implementação das práticas inclusivas.

Todos os professores investigados demonstraram consciência da importância de adaptações metodológicas para a real inclusão de alunos autistas no ambiente escolar, buscando agir de maneira mais humanizada, sensibilizando a todos sobre as particularidades dos estudantes neurotípicos, explorando as diferenças e conscientizando sobre o respeito mútuo necessário para o bom desenvolvimento de todos.

Entre os desafios encontrados na realização de práticas educacionais inclusivas, destacamos: a falta de recursos materiais adequados, ambientes como quadras sem cobertura apropriada, expostas a altas temperaturas e com acústica desfavorável tornam mais grave esses problemas.



Concluimos então, que a inclusão de alunos com TEA nas aulas de Educação Física do ensino fundamental é repleta de desafios, mas também oferece inúmeras oportunidades para o desenvolvimento integral desses alunos e para a promoção de um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor. É essencial que haja investimentos e melhorias nas condições de trabalho, assim como a implementação de políticas públicas que garantam os recursos necessários para a prática inclusiva. O esforço conjunto dos profissionais da educação, aliados às metodologias pedagógicas adaptadas, pode contribuir significativamente para a inclusão efetiva e o desenvolvimento das habilidades dos alunos com TEA no ambiente escolar.

Ao longo da pesquisa, constatamos um esforço conjunto dos profissionais das instituições de ensino envolvidos no processo de inclusão dos estudantes com TEA no ambiente escolar, percebemos suas angústias e esforços no sentido de uma melhor interação com o alunado autista e da busca por estratégias de ensino e metodologias que favoreçam o desenvolvimento do ensino/aprendizagem e nas relações socioemocionais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de inclusão perpassa estruturas físicas e emocionais, e vai além de barreiras arquitetônicas e burocráticas para sua efetivação, exigindo a indignação dos envolvidos, para que busquem soluções reais para os desafios encontrados. Embora existam entraves significativos na trajetória educacional, reconhecemos um esforço conjunto dos profissionais envolvidos para superar essas dificuldades. A interação entre professores, alunos e pais mostrou-se essencial para esse sucesso, pois com um trabalho colaborativo entre os diferentes profissionais envolvidos, será possível contemplar às necessidades específicas dos alunos com TEA.

As investigações apontam que o fazer pedagógico dos docentes da disciplina de Educação Física, assim como os demais profissionais das instituições de ensino, é fundamental para a promoção da inclusão, contribuindo significativamente para o desenvolvimento das habilidades psicomotoras e socioemocionais para a qualidade de vida dos alunos com TEA, necessitando de um olhar atento e uma abordagem mais humanizada e sensível, capaz de desmistificar preconceitos e sensibilizar a todos sobre as particularidades desse público específico, promovendo um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso.

É essencial aprofundar o conhecimento sobre as práticas pedagógicas que melhor atendem às necessidades dos alunos com TEA e sobre as políticas públicas que podem garantir recursos e suporte adequados para a inclusão. Novos estudos poderiam explorar diferentes contextos educacionais, analisar o impacto de intervenções específicas e investigar a experiência de inclusão de outros grupos de alunos com deficiência.

O diálogo com as análises referidas ao longo do trabalho reafirma a importância de uma abordagem inclusiva na educação, baseada em valores humanos e morais que promovem a equidade e o respeito à diversidade. Mendes (2006) destaca que a educação inclusiva é um tema amplamente discutido e de grande relevância, que desafia a sociedade a refletir sobre suas práticas e atitudes excludentes. A adoção de diretrizes baseadas na inclusão pode ser uma estratégia política com potencial para garantir avanços significativos na Educação Especial no Brasil.

A promoção de um ambiente escolar inclusivo não só beneficia os alunos com TEA, mas também enriquece a experiência educacional de todos os alunos e profissionais da educação, fortalecendo a coesão social e a equidade dentro do contexto educacional.

Concluimos então que a Educação Física pode contribuir significativamente para o desenvolvimento das habilidades psicomotoras e socioemocionais dos alunos envolvidos, melhorando a qualidade de vida de todos os estudantes, típicos ou atípicos, proporcionado por ambientes diversificados e enriquecedores, incentivando a empatia, o respeito e a colaboração entre todos os alunos.

## **REFERÊNCIAS**

APA - AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BENINI, W.; CASTANHA, A. P. **A Inclusão do Aluno com Transtorno do Espectro Autista na Escola Comum: Desafios e Possibilidades**. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE – volume 1. Paraná. 2016.

BIASÃO, M; de C. R. **Classificação da Gravidade do Transtorno do Espectro Autista baseada no Padrão de Rastreamento do Olhar**. Dissertação. (Mestrado em Ciências Programa de Psiquiatria). São Paulo: Faculdade de Medicina da USP, 2019.

CONSTANTINO, J. N.; KENNON-McGILL, S. WEICHSELBAUM, C.; MARRUS, N.; HAIDER, A.; GLOWINSKI, A. L.; JONES, W. Infant viewing of social scenes is under genetic control and is atypical in autism. *Nature*, 547 (7663), 340. 2017.

ELSABBAGH, M.; JOHNSON, M. H. Autismo and social brain: the first-year puzzle. *Biological Psychiatry*. 15; 80 (02): 94-9. 2016.

FIORINI, M. L. S.; MANZINI, E. J. Dificuldades e Sucessos de Professores de Educação Física em Relação à Inclusão Escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, n. 1, p.49-64, 2016. ISSN: 1413-6538.

HOLLERBUSCH, R. M. S. L. **O Desenvolvimento da Interação Social das Crianças com Alteração do Espectro do Autismo**. 2001. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, 2001.

LAMB, P.; FIRBANK, D.; ALDOUS, D. Capturing the world of physical education through the eyes of children with autism spectrum disorders. **Sport, Education and Society**, v. 21, n. 5, p.698-722, 2016. ISSN: 1357-3322.

MARANHÃO, B. S. S.; SOUZA; MOISES S. S. R. de. **Educação física, transtorno do espectro autístico (TEA) e inclusão escolar: Revisão Bibliográfica**. Universidade do Pará, 2012. Disponível em:  
[http://paginas.uepa.br/ccbs/edfísica/files/2012.2/BRENDA\\_MARANHO.pdf](http://paginas.uepa.br/ccbs/edfísica/files/2012.2/BRENDA_MARANHO.pdf) Acesso em: 15/10/2024.

MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Revista Brasileira De Educação**. Universidade Federal de São Carlos, 2006. ISSN: 1809-449X. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/KgF8xDrQfyy5GwyLzGhJ67m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15/10/2024.

MINAYO, M. C. S.; COSTA, A. P. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, v. 40, n. 40, 2018. ISSN: 1645-7250.

NABEIRO, M.; SILVA, F. C. T. Atividade física e transtorno do espectro autista. In: COSTA, R. F. da; GREGUOL, M. **Atividade física Adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 4ª ed. Barueri: Manole, 2019. p. 97-122.

SILVA, I. C. P. da.; PREFEITO, C. R.; TOLOI, G. G. Contribuição da educação física para o desenvolvimento motor e social do aluno com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, v. 20, n. 1, p. 71-80, 2019. ISSN: 2359-2974.